

Brasil METAL



INTERNACIONAL

Ano I Nº 293
18 de Agosto de 2008

Índice

Vice-presidente da CNM/CUT será Coordenador Adjunto da FITIM	01
Leia entrevista com Marino Vani	02
Esquerda latino-americana recebe o novo presidente do Paraguai	03
Sidor pede a nacionalização de filial argentina	04

Vice-presidente da CNM/CUT será Coordenador Adjunto da FITIM

A partir de outubro, Marino Vani estenderá sua militância sindical junto aos metalúrgicos da América Latina e Caribe ao assumir a função no Escritório Regional da FITIM, no Uruguai.



O vice-presidente da Confederação Nacional dos Metalúrgicos (CNM/CUT), Marino Vani, foi indicado para ocupar o cargo de Coordenador Adjunto do Escritório Regional da Federação Internacional dos Trabalhadores na Indústria Metalúrgica para a América Latina e Caribe.

A nomeação deu-se por um acordo histórico entre as confederações brasileiras CNM/CUT e a CNTM/FS, ambas afiliadas da FITIM, que de comum acordo indicaram o nome de Marino para representar o país no escritório que recentemente foi transferido do Chile para Montevidéu, no Uruguai. "Minha indicação foi definida de comum acordo e, por isso, agradeço e parabeno o esforço dos presidentes Carlos Alberto Grana (CNM/CUT) e Eleno Bezerra (CNTM/FS) pela maturidade e responsabilidade com a unidade sindical, com os brasileiros e com os metalúrgicos do mundo", disse Marino Vani. O ato teve a participação do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva.

O presidente da CNM/CUT, Carlos Alberto Grana, diz que o acordo demonstra a maturidade e vontade das duas confederações estarem unificadas na luta metalúrgica.

"Para nós da CNM/CUT é um orgulho ter a indicação do Marino para ocupar um cargo tão importante de representação metalúrgica. Tenho certeza que ele, que sempre teve uma contribuição destacada no Brasil, fará o mesmo em nível mundial", afirmou.

A unidade da CNM/CUT e CNTM/FS, que representam juntas 90% da categoria metalúrgica no País, é sem dúvida alguma um dos principais elementos da nova realidade sindical brasileira, diz o presidente da CNTM/FS, Eleno Bezerra. "Vani é um líder sindical competente, atuante e progressista e, tenho certeza, representará muito bem os interesses dos metalúrgicos brasileiros representados pelas duas entidades", frisou.

Marino, de 39 anos, desenvolverá seu trabalho com todos os sindicatos da FITIM na região, que vai desde o México até o Uruguai. "Vou assumir o cargo a partir de outubro e minha família muda de forma definitiva em janeiro. Enquanto isso, minha esposa e meus filhos vão estudar o espanhol para se adaptar ao novo país e eu devo me aperfeiçoar no inglês, que será em breve o idioma oficial da FITIM", completou.



Gaúcho de Erechim, Marino que atualmente ocupa a vice-presidência da CNM/CUT. Perto de completar 20 anos de atuação sindical, foi presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Erechim, secretário de Formação da FEM/CUT-RS, Coordenador Nacional do Instituto Integrar e representante da CUT no Fórum Nacional do Sistema S e no Conselho do SENAI, entre outros cargos.

Entre as novas atribuições de Vani, está a luta contra o trabalho precário, a organização de sindicatos, organizações e dos comitês nacionais e mundiais de empresas. "Também vamos focar na formação de dirigentes sindicais, na contratação coletiva nacional, na implementação e cumprimento dos Acordos Marco Internacionais firmados pela FITIM, além de discutirmos e intervirmos junto aos governos por políticas industriais e de desenvolvimento dos países da região."

Leia abaixo a entrevista com Marino Vani

O que significa este novo momento em sua trajetória sindical?

- Aceitei este cargo e desafio primeiro pelo convite da FITIM, por meio do secretário-geral Marcello Malentacchi e seu adjunto, o brasileiro Fernando Lopes, que confiaram em mim esta possibilidade de poder contribuir e fazer parte desta tão importante organização internacional.

Outro fator que me fez aceitar, é o orgulho que tenho em ser metalúrgico e continuar sendo um dirigente de ações e lutas da categoria em nível global.

Quais são suas expectativas para este período na FITIM?

- Tenho muitos amigos e companheiros de luta em todos os sindicatos da região e tenho certeza que poderei aprender muito com todos os metalúrgicos destes países, já que poderemos trocar experiências de organização e ação sindical até pelo o que tenho acumulado nos últimos 20 anos da minha militância sindical no Brasil.

Penso que posso ajudar e contribuir muito na formação e organização dos sindicatos e comitês de empresas e também junto a construção de políticas públicas nos países em desenvolvimento. Será e continuará sendo uma honra, um prazer e um orgulho poder ajudar os companheiros do meu país, da América Latina e Caribe na luta por um novo mundo que seja melhor para todos. (Valter Bittencourt - *Imprensa CNM/CUT*)

Esquerda latino-americana recebe o novo presidente do Paraguai

O ex-bispo Fernando Lugo promete honestidade e austeridade em seu mandato

Jorge Marirrodiga, em Assunção

Honestidade e austeridade. Sobre essas duas linhas Fernando Lugo exercerá seu mandato no Paraguai durante os próximos cinco anos. Acompanhado dos principais representantes da esquerda latino-americana - e as notáveis ausências do colombiano Álvaro Uribe e do peruano Alan García -, o ex-bispo pôs fim oficialmente na sexta-feira na capital paraguaia a 61 anos de hegemonia do Partido Colorado no país.

Vestido com a mesma camisa clara que utilizava quando era bispo, mas sem o colarinho clerical, Lugo recebeu a faixa presidencial e o bastão de comando diante de milhares de pessoas no centro de Assunção, em uma cerimônia na qual foram utilizados os dois idiomas oficiais do Paraguai: o espanhol e o guarani. Entre os convidados destacavam-se quase todos os presidentes sul-americanos e o príncipe de Astúrias, da Espanha. Longe de um discurso triunfalista, o líder da Aliança Patriótica para a Mudança, pintou um panorama de duro trabalho para seu mandato que se concentrará na luta contra as desigualdades sociais e a corrupção.

O novo presidente não esclareceu por qual modelo de esquerda optará, o social-democrata brasileiro ou chileno ou o populista venezuelano ou boliviano, mas deu algumas pistas. Em suas palavras citou primeiro Lula da Silva e Michelle Bachelet e mais adiante fez uma referência especial a Salvador Allende, propôs um pacto social à oposição derrotada e prometeu evitar o desperdício e o "sigilo de Estado". Foi um discurso em um tom muito parecido com o que pronunciou o uruguaio Tabaré Vázquez quando assumiu o poder em 2005.

O programa que Lugo se propõe realizar representa uma revolução em um país estancado durante décadas com um Estado mergulhado em uma inércia inoperante. O novo presidente antes de tomar posse já anunciou um aumento de impostos, a estrita aplicação da política fiscal, uma reforma agrária - cerca de 200 famílias possuem 70% das terras -, atacar o contrabando e uma drástica melhora nas condições de vida de funcionários públicos e policiais para atenuar o verdadeiro câncer da sociedade paraguaia que é a corrupção.

O elemento indígena nesse país bicultural teve uma presença muito importante na cerimônia. Tanto Lugo quanto o presidente do Congresso, Enríque González Quintana, falaram em primeiro lugar em guarani, e muito além de algumas frases de cortesia. O grupo fez referência explícita à proteção dos indígenas mais pobres e advertiu que fará uma "defesa irrestrita dos direitos humanos" e ameaçou: "Nenhum branco terá impunidade contra o indígena".

Lugo, que a pedido próprio foi devolvido ao estado laico pelo Vaticano, definiu a si mesmo como um "homem de fé" e reivindicou os teólogos da libertação com os quais se identificou por sua "opção pelos pobres e os perseguidos". Em seguida se definiu como "um laico eternamente agradecido a minha mãe a Igreja", e assim que acabou seu discurso dirigiu-se à catedral metropolitana para assistir ao "Te Deum" de ação de graças que marca o início de seu mandato.

Nos últimos dias a sociedade paraguaia vive um ambiente em que se misturam o otimismo e a expectativa. As grandes medidas de segurança não desanimaram a cidadania a participar dos festejos presidenciais. A mesma expectativa ocorre entre os países vizinhos. Lugo foi muito cuidadoso ao tocar no tema espinhoso da venda de energia elétrica ao Brasil e à Argentina - países com os quais compartilha gigantescas centrais hidrelétricas. De fato, o Paraguai é o primeiro produtor do mundo em eletricidade por habitante. Na sexta-feira Lugo se desfez em elogios à Argentina, país que historicamente é o maior receptor da emigração paraguaia, e tratou com grande deferência o presidente brasileiro.

Em segundo plano nas comemorações ficaram o venezuelano Hugo Chávez - que esta semana denunciou uma conspiração "dos oligarcas para não deixar Lugo governar" -, Rafael Correa, do Equador, Evo Morales da Bolívia e Daniel Ortega da Nicarágua. Chamou a atenção a presença do presidente de Taiwan, Ma-Yiung-Yeou, já que o Paraguai é um dos poucos países que reconhecem a ilha como Estado independente, e de Salem Salek, ministro das Relações Exteriores da República Árabe Saári Democrática. (Tradução para o UOL de Luiz Roberto Mendes Gonçalves) (*El País*, 16.08.2008)

Sidor pede a nacionalização de filial argentina

A nacionalizada Siderúrgica do Orinoco (Sidor) solicitou ao governo da Venezuela a estatização da empresa filial Matesi e o decreto de uma emergência orçamentária para obter recursos adicionais, informou na quinta-feira (14) a imprensa local.

Um informe da direção da Sidor, elaborado na última segunda-feira (11) e publicado pelo jornal El Universal, recomenda a transformação da filial Materiales Siderúrgicos (Matesi), nas mãos do grupo argentino Ternium-Tenaris, em empresa do Estado.

A Matesi, assim como a Tubos de Acero de Venezuela (Tavsa) pertencente ao mesmo grupo dominado pela Techint, não entrou na aquisição da siderúrgica decretada pelo governo no último mês de junho, cuja negociação ainda não foi concluída.

O presidente do sindicato da Sidor (Sutiss), José Antonio Rodríguez, disse que os trabalhadores apóiam a nacionalização de ambas as empresas filiais por considerá-las "estratégicas", o que planejaram desde o início.

No informe, a junta diretiva pede que seja decretada uma emergência orçamentária para "apoiar as empresas" e que sejam ajustados os preços no mercado nacional.

O presidente Hugo Chávez ordenou no último mês de abril a nacionalização da Sidor, que enfrenta um prolongado conflito trabalhista, após acusar a gerência da empresa de "explorar" os trabalhadores e vender os produtos por "de cinco a dez vezes seu valor". (ANSA, 16.08.2008)

Argentina tenta atrair Embraer para o país

Ariel Palacios

Presidente está interessada na reativação da indústria bélica

A presidente da Argentina, Cristina Kirchner, está interessada na reativação da indústria bélica, semiparalisada desde os anos 90. Ela tem especial interesse em convencer a brasileira Embraer a administrar a Área Material Córdoba (AMC), a antiga Fábrica Militar de Aviação, atualmente controlada pela americana Lockheed, que está em processo de deixar a empresa.

Em diversas ocasiões, desde que estava em campanha eleitoral, há um ano, Cristina citou a Embraer como exemplo de empresa a ser imitada. Ontem, durante discurso na abertura do seminário empresarial, acompanhada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, Cristina voltou a elogiar a empresa aeronáutica brasileira.

"Avançamos nas negociações com a Embraer", sustentou a ministra da Defesa da Argentina, Nilda Garré. Segundo ela, a AMC colaboraria na fabricação da família de aviões 170-190 da Embraer com a produção de peças, se for fechado o acordo. "Ainda é preciso definir quais seriam as peças que seriam produzidas na Argentina, algo que calculamos que começaria no ano que vem", explicou.

Fontes do governo brasileiro afirmaram ao Estado que a eventual fabricação de peças da Embraer na Argentina poderia levar algum tempo, já que elas precisariam passar pela aprovação da agência do governo dos Estados Unidos para a aviação civil, sem a qual os aviões com peças americanas não autorizadas não podem sobrevoar território do país.

"Isso leva cinco anos. Além disso, a Embraer não incentiva a fabricação de peças em outros países, a não ser que esses outros países comprem os seus aviões", indicou.

Na semana passada, o secretário de Transportes da Argentina, Ricardo Jaime, afirmou que o governo pretendia comprar aviões para a recém-reestatizada Aerolíneas Argentinas. Mas ele não informou quando isso vai ocorrer. GAÚCHO

Garré também explicou que ambos os governos pretendem que no início de 2009 se inicie a produção do Gaúcho, um veículo militar projetado em conjunto pelos setores militares do Brasil e da Argentina.

O Gaúcho, veículo aerotransportável, seria utilizado para o transporte de tropas (embora também possa ter uso civil).

A ministra da Defesa afirmou que o protótipo do Gaúcho será entregue no dia 30 deste mês. (O Estado de S.Paulo, 05.08.2008)